



Daniela Costa

Jonas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Jonas

Daniela Costa

Jonas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Daniela Costa

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Daniela dos Santos Costa
Ilustração da capa: Nila Nonato Neves
Diagramação: Madalena Araujo
1ª edição – abril de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Costa, Daniela dos Santos
Jonas / Daniela dos Santos Costa. — São Paulo :
Recanto das Letras, 2021.
152 p.

ISBN 978-65-86751-83-3

1. Ficção brasileira I. Título

21-1306

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Dedico este livro a todos
os trabalhadores para que um dia
reconheçam sua força e seu valor.





Nem mesmo abri os olhos e já amanheci com Areinhas impregnada na minha cabeça. As lembranças de minha infância se emaranharam e foram puxando umas às outras até raspar lá num canto da minha memória. Minha mãe enxugando a mão na saia sobre a coxa para se despedir de mim de um jeito mais natural possível. Como se eu fosse buscar alguma coisa na despensa ou tocar uma galinha da porta da cozinha. Ela queria dizer com aquele gesto que não deveríamos deixar a emoção encher aquele momento. Pôs-me a bênção, abraçou-me, não muito mais do que quando nos despedíamos para ir a Rio Grande ou a Espelhos comprar alguma coisa ou resolver os problemas burocráticos da família. Era funda a sua dor. Minhas irmãs, menores do que ela, formavam uma escada em que ela era o patamar.

Minha mãe era uma mulher forte. Era mais para pequena de tamanho, mas forte. Quando o meu pai morreu eu tinha 10 anos. Eu estava ao lado dela quando recebeu a notícia do inesperado. Ela se manteve firme até que todos se acomodassem do choque e da comoção. O moço da companhia veio avisar que encontraram o meu pai caído na estrada, sua bicicleta, seu rádio e a sacola com sua marmita e suas coisas. Foi um infarto fulminante. No início, minhas três irmãs desconsideraram a morte do pai. Parecia que não se davam conta de que a morte era para sempre. Então elas falavam dele como se ele estivesse na roça e fosse voltar de tardinha.

Já eu, estava ficando um rapaz, e não podia dar mostras de fraqueza, àquela altura eu era o homem da casa, apesar de ser apenas um homenzinho de dez anos. Na roça a gente se torna rapaz bem cedo, não se pode prolongar a infância por muito tempo, pois o serviço é constante e quanto mais braços, melhor para toda a família. Então, naquela época, eu já tinha várias obrigações: dar milho às galinhas, cuidar da água dos animais do terreiro e levar o leite de Dona Sebastiana, que morava do lado de lá da ponte, vivia sozinha e tinha dificuldade para andar. Fazia, também, uma porção de coisas que iam surgindo à medida que os dias iam passando. Buscar mantimentos no armazém da empresa, comprar remédio no Rio Grande aproveitando a volta do caminhão de leite e muitas coisas.

Naquele dia, o velório, o enterro eram excepcionais. Procurei me manter forte e em alguns momentos até prender o choro que vinha abrupto feito uma enchente. Permiti apenas os choros controlados. As minhas irmãs

choravam com algum exagero. Elas esfregavam as mãos, cobriam o rosto, gritavam, até:

— Não, não, não!

Num momento, demos a falta de mamãe. Tinha se fechado no quarto para chorar escondido. Ouvimos seus soluços contidos, como os meus. Fiquei feliz pelas minhas irmãs que puderam e tiveram a coragem de chorar um choro válido, daqueles que põem para fora a dor e o aperto que sentimos em determinados momentos.

Seu Teles, nosso vizinho, levou sua farmacinha e abasteceu os espíritos mais exaltados: minhas irmãs. Eu e mamãe não tomamos nada. Ficamos firmes e fortes. Se ficamos mesmo, não sei, mas mantivemos essa aparência, o que foi até comentado depois pelos amigos e conhecidos do nosso meio. O choro de soluços abafados de mamãe vindo de dentro do quarto foi a única manifestação mais forte dela. No enterro ela chorou lágrimas mudas, sem som algum, depois disso ela passou a ficar muito mais séria, sisuda até. Nunca mais a vi chorar.

Assim era ela. No dia da minha despedida foi assim também. Ela ficou dura, não queria parecer frágil para me dar o exemplo de como temos que enfrentar com altivez as coisas que nos acontecem. Sem demonstrar sentimento de dor, ou, pelo menos, mostrar pouco sofrimento. Nesse dia, meu coração apertava cada vez que alguém falava nas horas.

Eu tentava disfarçar, mas na verdade eu estava apavorado. Uma de minhas irmãs, mamãe e até nossa tia Gilberta, que estava passando uns dias em nossa casa, me avisavam o tempo todo do horário:

— O ônibus não espera!

— Anda, Jonas!

— Engraxou os sapatos?

— Vá tomar banho...

Mas a fala de minha irmã Glória destacou-se em um momento de um silêncio súbito. Em tom mais grave, ela disse:

— É melhor tomar banho.

Aquele foi o sinal de que aquela separação seria inevitável. Eu engolia em seco. Minha saliva sumira. Ao passar para o banheiro, vi Claudinha, minha irmã do meio, acorçada entre os pés do fogão a lenha e a porta da cozinha. Ao lado e atrás dela, as galinhas, indiferentes, pastavam do lado de lá do cercado. Alguns pés de alface brotavam na horta e eu sabia que não ia comê-los. Claudinha me olhava com olhos de interrogação. Só Tide chorava com lágrimas e som.

— Não vai não, Jonas! — pedia.

Eu já não podia falar nada. Todos sabiam que era necessário. Seus cabelos desarrumados espalhados pelo rosto deram a ela uma aparência péssima. Nossa mãe segurou-a pelos ombros, levantou-lhe o queixo, organizou-lhe um pouco os cabelos e pediu para ela se acalmar e lavar o rosto. Dessa lição ela nunca mais se esqueceu e praticou-a em outros episódios de sua vida.

Tomei banho e comecei a me preparar. Vesti-me, me perfumei com a minha colônia de sempre, comprada em um supermercado de Espelhos. Pus a meia, os sapatos, conferi bagagem, passagem, as encomendas para o meu tio, a carta de apresentação da diretora da escola, Dona Mércia Pena de Morais:

[...] *estimamos e prezamos este rapaz que conhecemos de longa data e damos fé de suas virtudes e qualidades [...].*

Esse trecho da carta ficou marcado na minha memória. Fui recolhendo minhas coisas, as meninas as carregando, os vizinhos foram chegando, estava quase na hora do ônibus. A memória do dia anterior fez encher meus olhos de tristeza.

Na véspera da minha partida, fomos ao rio, eu e minhas irmãs, andamos na velha jangada que construíamos anos antes. Foram meses e meses de tentativa até chegar ao que considerávamos a embarcação perfeita: a que coubesse nós quatro — para atravessar até a outra margem onde tínhamos nosso refúgio, nosso paraíso em uma rala e pequena mata ciliar, na curva do rio, nas terras da reflorestadora. Foram inúmeras tentativas até acharmos os materiais certos, um pouco a cada dia, cada detalhe da amarração das pranchas, a dificuldade para conseguir as cordas e tantos obstáculos, até que um certo dia ficou pronta. Vários testes foram feitos até conseguirmos o equilíbrio da embarcação. Foram muitas travessias, tantas brigas de mamãe querendo nos impedir de atravessar o rio e inúmeras histórias em torno da nossa jangada e dos nossos passeios ao outro lado. Daquela última vez andamos na jangada, já se desmantelando aqui e ali. Fazia tempos que não a usávamos mais. Todo aquele empenho, muitas vezes tentando nos esconder da mãe e dos seus xingos, nossas tardes caçando frutos, coisinhas da natureza, seixos que julgávamos bonitos e que iam fazer parte de uma coleção sem qualquer critério, tudo já tinha perdido seu frescor e encanto.

Fizemos o nosso último passeio. A calmaria do rio, Claudinha debruçada na ré batendo os pés, Tide sempre com medo, dizendo “vai afundar, vai afundar”, a descida na outra margem já sem qualquer mistério para nós... Juramos que para sempre iríamos guardar aquele momento. Acobertados pela geografia e pelas ingazeiras que nos sombreavam, abraçamo-nos cada um com um sentimento de amor, mas, ao mesmo tempo, de revolta por termos de nos separar. Eu precisava ir para a capital ganhar a vida como fizera tio Orlando.

Quando tinha por volta dos dezoito anos, tio Orlando também fora para a capital. Para mamãe, tio Orlando era uma espécie de orgulho, largara a vida dura de lavrar a terra seca e foi para a cidade grande trabalhar em escritório. Ela achava isso bonito, além do mais ela tinha a convicção de que eu não poderia acabar caído na terra como meu pai. Mamãe achava que meu pai sofria de desgosto depois que a companhia de reflorestamento chegou e se apossou das nossas terras, dando a alguns uma humilhante indenização, a outros, sequer pagaram qualquer quantia. Deslocaram vários para umas terras bem longe do rio. Torrões de chão esturricados e pobres até para plantas menos exigentes. Do meu pai e de seus irmãos, a companhia levou a maior parte do terreno herdado de meus avós. Pouparam-lhes umas terras que ficavam depois da dobra de baixo do rio. Terras que ficaram para uma irmã de papai, morta por uma picada de jararaca. Foi encontrada, no fim da tarde, pelo marido, caída sobre um canteiro de couve e cenouras. O marido dessa minha tia, logo depois de ficar viúvo, juntou suas coisas e voltou para sua terra natal. Meu pai e seus irmãos, Edmundo

e Osvaldo, tocaram a roça juntos por um bom tempo.

Minha mãe sempre culpava a companhia pela maioria das coisas ruins que aconteciam naquele nosso lugar. Éramos parentes, vizinhos, amigos, tudo misturado, e o rio, todos desenvolvendo suas funções, trabalhos, partilhando objetos e emoções. Eu sempre via em minha mãe uma insistência para que eu saísse daquele lugar como uma espécie de protesto. Como se minha saída fosse uma retaliação contra a gigantesca invasão da companhia de reflorestamento. A paisagem mudara radicalmente, e muitas consequências ocorreram na vida das pessoas de Areinhas, o que revoltava minha mãe.

Embora o coração de nossa mãe fosse muito bom, ela era bastante sóbria e contida de gestos e palavras. Nunca tive coragem de enfrentá-la. Ela regia a família com pulso firme, não se dava o direito de rir e nem de brincar. Quando vinha o riso, ela o reprimia. Acho que de tanto repetir isso, o riso não mais precipitou em seu rosto e ela calou para sempre o seu sorriso. Sua vida passou assim, sisuda, acho que para manter-se forte e não permitir que ninguém abusasse dela. Afinal, era viúva e tinha que manter e obter respeito, inclusive dos filhos. Foi por isso que eu e minhas irmãs criamos para nós um mundo particular no qual todos nós tínhamos o direito de usufruir de sonhos os mais prazerosos. Apartados de nossa mãe, ríamos, contávamos histórias, piadas sem censura e sem repreensões.

Não enfrentei a decisão dela de me mandar para a capital, também não tinha uma solução, uma cartada. Nunca fui dado a lavrar a terra como era tradição da família. Ali não tínhamos oportunidades e temíamos que

a única saída para mim fosse uma vaga na companhia. Para mamãe, isso era inadmissível. Além do mais, eu me interessara muito pelos conhecimentos da escola, pelos livros, pela ciência, pelas poesias e histórias que contavam as professoras. Interessava-me também pelas histórias dos nossos conterrâneos quando viajavam e voltavam contando sobre o mundo lá longe. Meu sentimento ficava dividido entre ir e conhecer aquilo que ocupava boa parte de meus pensamentos em forma de curiosidade e desejo, ou ficar em Areinhas aconchegado pelo calor do afeto de tanta gente. O lugar, os modos e costumes já enraizados. Meus laços afetivos com minha família, minha terra, minha segurança. Ficar significava perda e frustração de não ter tido oportunidade melhor e ainda ser obrigado a servir àquela que tinha sido o carrasco de todos nós.

Fui. As despedidas se encerraram com os três abraços apertados das minhas irmãs e o amoroso, mas também comedido e último abraço de minha mãe. O relógio cravou a hora redonda. O motorista bateu a chave e eu, aproveitando o barulho do motor, deixei sair um explosivo suspiro que logo sufoquei com o travesseiro encapado com a fronha em que minha irmã Claudinha bordara para mim o meu nome: “Jonas”. Este estava escrito em letras gordinhas recheadas de uma linha que brilhava em tons de marrom. Meu coração diminuído olhava pela janela buscando ver aquelas pessoas um minuto mais. Parti.

Olhei no relógio e vi que já era hora — aliás, mais que hora — de eu ir trabalhar. Saltei da cama sacudindo a cabeça para afugentar o mar de pensamentos saudosos que tinham me dominado naquela manhã. O relógio já tinha

despertado e eu nem percebera por que tinha mergulhado, mais uma vez, muito fundo naquela emoção que talvez tenha sido a mais impactante da minha vida.

Molhei o cabelo com água fria da pia como todo dia, me arrumei e saí andando rápido. Tinha me atrasado.

— Bom dia — disse a Nestor, a quem quase derrubei ao sair destrambelhado tentando compensar o atraso. Ele não respondeu e eu logo entendi que estava naqueles seus dias de confinamento social. Nessas épocas ele mergulhava num poço de amargura e deixava-se cercar por um muro invisível, propositalmente construído. Compreendi. O elevador não estava quebrado. Era uma vantagem. Lembrei-me de que era meu aniversário. A lembrança não era uma surpresa, dormira pensando nisso e estava atrasado justamente porque acordara já pensando em minha vida.

Fui pela rua um pouco aéreo. Parecia que a emoção da minha partida, ocorrida vinte anos antes, estava bem viva. Bateu uma saudade enorme de passear com minhas irmãs na beira do rio e dentro dele. Num tempo em que tínhamos as cabeças cheias de sonhos ingênuos e longínquos, descorrompidos ainda das durezas da vida. O rio agora era um fio d'água escorrido de qualquer jeito. Uma lástima. O sinal verde da faixa de pedestres piscou e eu fui andando com a sensação nostálgica bem viva dentro de mim. Fui passando pelas lojas, ruas, escritórios e, enfim, percorri os cinco quarteirões que separam o escritório Fontes & Faria do número 273 da Rua Treze de Maio.

Entrei, e as secretárias se precipitaram em vir me abraçar. Maura e Sandra não perdiam a oportunidade de me abraçar e zoar comigo, e assim foram me abraçando,

zombando e me passando a agenda do dia: “Doutor César pediu isso, Doutor Augusto aquilo”; “Doutor Clóvis chega às 14h no aeroporto, esteja lá nesse horário em ponto”...

— Por que você não se casa comigo, Jonas? — disse Maura no meu pé do ouvido. — Nós cuidamos de você e você de nós.

Ela tinha uma filhinha de cinco anos de idade que ficava na creche enquanto ela trabalhava.

— Cuidar só de mim já é um trabalhão danado — respondi desfazendo o abraço e passando para Sandra, que pedia a anjos e santos para tomar conta de mim e colocar pessoas decentes no meu caminho. Ela estava se referindo ao fato ocorrido duas semanas antes, quando me meti em uma enrascada feia.

Como costume, tinha ido, aquele dia (uma quinta-feira), ao Largo São Francisco tomar umas bebidas e desfogar os profundos da vida. Estávamos eu, Sandra, Mércia, amiga de Sandra para todos os copos, e Herculano, um frequentador assíduo do largo. A conversa ia andando solta até que se sentou, numa daquelas mesas ali espalhadas pelas calçadas, uma mulher muito bonita. De chamar a atenção. Era loura artificial com um quê de vulgaridade no vestuário, mas não muito.

— A perua já está azarando você — disse Sandra com seus ciúmes. As minhas colegas tinham um ciúme de mim do mesmo jeito que uma mulher ciumenta tem ciúme do marido. Elas sempre tentavam controlar principalmente o aspecto afetivo. Pelo julgamento delas, ninguém prestava para mim. Com o longo tempo de convivência, fomos criando uma intimidade, e dentre outras proximidades veio

Pressionados por grandes reflorestadoras, agricultores tradicionais sofrem muitos prejuízos, dentre eles, a saída para a cidade grande. Esse foi o caso de Jonas. Na capital, sua vida se desdobra a partir da relação com colegas de trabalho e de sua serventia à família Faria. À medida em que vive os acontecimentos, o personagem revela seu olhar para o mundo cheio de contradições que o cerca: crianças pobres e abandonadas, delinquindo pelas ruas; o mundo abastado de seus patrões advogados; os noticiários anunciando escândalos políticos e econômicos.

Seu apartamento — herdado do tio Orlando, razoavelmente confortável — e um pequeno salário lhe garantem relativa comodidade, o que é uma excepcionalidade no seu meio. A narrativa mostra um sujeito conformado e sem qualquer consciência da condição de trabalhador explorado. A rotina de Jonas se altera quando é envolvido por uma trama trazida por pessoas que circulam ao seu redor.

